

A recessão e a (in)suportável leveza de 1991

Antônio Pastori *

Desde que a síndrome do catastrofismo se instalou como modismo de final de ano, muitos têm procurado obter informações acerca da tal "recessão" e seus efeitos para 1991. As turbulências que vêm ocorrendo na economia nacional, dada a desaceleração nas vendas, desemprego, aumento nas falências, concordatas e protestos de títulos, estão fazendo com que se "pinte" o diabo da recessão mais feio do que ele é.

Recessão, traduzindo para o mais simples economês, representa, entre outras, uma queda no PIB em certos setores. Seria um ajuste cíclico na economia, onde o excesso de gordura (oferta de produtos maior que a capacidade de consumo) é "queimado" de uma forma seletiva (só os mais fortes sobrevivem). Este é o aspecto "benéfico" do ajuste que a recessão provoca em uma economia, mais especificamente em certos setores. Particularmente, não faria disso uma regra, uma vez que, no Brasil, tudo pode ser diferente.

O aspecto negativo refere-se ao achatamento dos salários e, o pior, o drama social dos desempregados e seus efeitos globais sobre o consumo, envolvendo toda cadeia produtiva de bens e serviços da economia. É o que se chama de ajuste perverso, embora caiba o seguinte reparo: na realidade, estima-se que apenas 60% da força produtiva nacional tem carteira assinada. Os 40% restantes vivem à sombra da economia informal, desamparados de leis e sindicatos. Portanto, não engordam as estatísticas oficiais dos efeitos recessivos.

Mas a recessão, normalmente, dura pouco: um a dois anos, no máximo. Há exceções, é claro. Teoricamente é apenas uma das etapas dos ciclos de ondulação de Wesley, que se inicia pela fase da prosperidade, seguida pelas fases de recessão, depressão e reajustamento, retornando em seguida para uma nova fase de prosperidade, e assim por diante... A duração de cada fase varia de país para país (vide a recessão argentina).

Pior mesmo é a depressão. Essa sim, dá arrepios só de pensar nos estragos. Os Estados Unidos tiveram, neste século, 8 ou 10 recessões, se não me engano, e vão muito bem obrigado. Mas tiveram uma grande depressão que transformou o "american dream" em pesadelo. Vale a pena abrir aspas para lembrar alguns aspectos deste fenômeno:

"Na América da década de 20, os índices de prosperidade eram visíveis por toda parte. Havia emprego para 45 milhões de trabalhadores que ganhavam US\$ 87 bilhões em salários, rendas, lucros e juros. Raro era o político que não incluía em seus discursos frases como — Dentro em breve avistaremos, com a ajuda de Deus, o dia em que a pobreza será banida do país".

Não havia muito exagero nessas palavras. Uma família média americana comia, vestia-se e vivia melhor em tudo que qualquer outra família média do resto do mundo. A nação estava dominada por uma visão extremamente otimista. Poucando 15 dólares por semana e investindo em ações, um trabalhador teria, ao final de 20 anos, um patrimônio de 80 mil dólares e garantiria uma renda líquida mensal de 400 dólares.

Impulsionados por esta visão, todos jogavam no mercado de ações, do simples engraxate ao mais respeitável banqueiro e, ao final, se perguntavam — por que não tinham pensado antes nesta forma de enriquecimento?

Tudo ia muito bem, até que, um certo dia, mais precisamente numa quinta-feira, 27 de outubro de 1929, "foi como se as Cataratas do Niágara irrompessem subitamente pela janela, dado o volume de ordens de vendas de ações que inundaram o mercado repentinamente", segundo declarações de um corretor da época.

Após dois meses de tresloucadas vendas os vestígios da destruição eram impressionantes: cerca de US\$ 40 bilhões em ações simplesmente desapareceram. O cidadão do exemplo anterior, se tivesse iniciado a montagem de sua carteira em 1909, teria agora pouco mais de 4 mil dólares... O mercado de ações literalmente virou pó. Cerca de 9 mil bancos e 85 mil empresas faliram. A renda nacional caiu mais de 50%.

Em pouco tempo desaparecia do mercado um

exercito de 14 a 19 milhões

de trabalhadores e, junto

com eles, o que a América

tinha de mais valioso: a

esperança!

As sombrias piadas da

época são reveladoras do

estado de espírito. Dizia-se

que "pela compra de qualquer

ação o comprador recebia

também um revólver de

bonificação e, quando se

alugava um quarto de hotel,

o gerente perguntava se

era para dormir ou pular!"

As causas que levaram

os EUA a esse colapso são

um pouco complexas e suas

explicações fogem do

propósito deste artigo. Além

disso, a realidade de hoje

é bastante diferente, quer

na América, quer no Brasil.

Portanto, ainda estamos

longe de uma depressão,

embora toda a economia

mundial também esteja

passando por uma

recessão. 1991 será, sobretudo,

um ano de grandes ajustes.

Mas se o Brasil não

fizer seus ajustes, certamente

estaremos à beira de uma

depressão. Reproduzindo

trechos do discurso

suportável do presidente,

é preciso acabar com o

protecionismo do Estado,

com os monopólios, com a

ineficiência dos fatores

fixos e variáveis da

produção. O velho Brasil

cartorial precisa deixar

de ser carroça.

Nesse ponto o governo

está correto. Seu grande

erro é quanto à extensão

da variável tempo. Não é

fácil mudar um país de

dimensões continentais,

cheio de vícios, contrastes

e protecionismo. MOTONETA

não vira KAVAZAQUI de

uma hora para outra. Moderni-

dade sim, mas a médio

prazo.

De agora em diante o

Brasil não poderá se dar

ao luxo de jogar no lixo,

anualmente, cerca de 10%

do PIB (algo próximo à

bagatela de 35 bilhões de

dólares).

Perde-se 25% na

construção civil. Na

indústria, a perda fica

também próxima a esse

percentual devido a

falhas na produção e

rejeição por parte dos

clientes ou no controle

da qualidade (quando

existe). Na produção

agrícola, o imoral

recorde de 40% de

perdas é digno de

figurar no Guinness

Book. Reflexos de

uma era de vultosos

ganhos inflacionários

e margens de lucro

elevadíssimas?

No curto prazo o

fator mais importante

para comercialização

não será apenas

quanto ao preço,

mas a qualidade. O

Código de Defesa

do Consumidor

será uma das

grandes novidades

para 1991 e vai

pegar muita gente

que não se

adaptar a essas

novas exigências.

Produzir com

maior eficiência

e qualidade e a

menores custos

será fundamental

— competitividade,

minha gente!

Tentando

decodificar a

caixa preta nº 1991,

os criptógrafos

de plantão

anunciam que,

provavelmente,

"a política fiscal

e monetária

será mantida,

haverá

elevação na

carga tributária

e intensificação

nas ações do

Fisco; serão

necessários

mais que uma

dúzia de "ipôns"

e desemprego

para que a

inflação

caia; os

juros

continuarão

altos e o

arrocho

salarial

persistirá;

não

ocorrerá

nenhum

novo

confisco

de

poupança

e

aplicações

financeiras

mas

poderá

haver

algum

congelamento

ou

restrições

para

aumento

de

preços

de

certos

produtos

da

cesta

básica; o

governo

deverá

ser

menos

autoritário;

a

Constituição

federal

deverá

sofrer

algumas

mudanças;

e,

enquanto

a

Lei

de

Gerson

prevalecer,

o

tal

pacto

social

não

sai

de

jeito

nenhum.

Nesse

cenário,

algumas

empresas

ainda

vão

quebrar.

Mas

o

País

não

vai

quebrar.

Em

março

de

1938,

quando

o

mundo

estava

sob

a

ameaça

de

uma

iminente

destruição

pelo

choque

de

um

grande

planeta

com

a

Terra,

Assis

Valente

(que

felizmente

era

compositor

e

não

economista)

captou

muito

bem,

em

um

magistral

samba,

o

clima

daqueles

dias,

e

Carmen

Miranda

assim

cantou:

"anuncia-

ram

e

garantiram

que

o

mundo

ia

se

acabar

(...) e

até

disseram

que

o

sol

ia

nascer

antes

da